

África

O nosso Álvaro, há muitos anos cooperante em Angola na área do Ensino e desde há poucos responsável pela biblioteca da nossa Embaixada, tem-me mantido informado do que por lá se passa e pensa e diz, mediante o envio frequente da imprensa local. Desde o oficial Jornal de Angola a outras publicações de iniciativa privada que vão sobrevivendo no meio de grandes limitações e riscos — todas nos deixam perceber a profunda intranquilidade que se agrava dia-a-dia por não se ver qualquer avanço substancial no caminho da paz.

Não me prendo nas denúncias, nos casos pessoais, na corrupção conhecida, no caos geral... no «regresso às cavernas» como um articulista classifica o dito caos. Tudo isto são as águas turvas em que pescam os oportunistas e muitos deles até modestos cidadãos sem nome que procuram, seja como for, sobreviver.

A pergunta que cada vez mais se me enraíza é: Se se pode chamar a esta guerra de «guerra civil». Pois se se trata de «povos diversos e culturas diversas» que um século de regime colonial unificou pela força sem que antes e, tradicionalmente, constituíssem uma só Nação; se contra este regime todos eles lutaram, cada um por si, pela sua própria iniciativa e com os recursos que procu-

raram — uma vez que tal regime findou, não é natural e justo que cada um reclame a sua autonomia? Ou será fatalidade que aquele Povo que por maior proximidade geográfica dos poderes de decisão coloniais mais lhes esteve associado, adquiriu direitos de suserania sobre os outros Povos, para se considerar líder e condutor de uma unidade que, para ser verdadeira e justa, tem de ser absolutamente renovada e reformulada nos seus fundamentos? Que a guerra não é instrumento justo nem eficiente para se alcançar o desiderato desta nova unidade, está mais que provado. Depois de um século de vivência na unidade imposta pelo regime colonial e com a vertiginosa evolução da comunicabilidade face à diversidade das riquezas territoriais, também não pode depor-se, simplesmente, a justeza e conveniência de unidade. Esta unidade nova, meta de uma longa caminhada que tem de ser pacífica para ser fecunda, é justamente o ponto de partida proposto pelo «Manifesto para a paz em Angola» (que ainda me não canei de reflectir) e a luz que terá de iluminar toda a marcha.

A imagem que me surge é exactamente a do Êxodo: a nuvem luminosa tornando possíveis os passos de um Povo que vinha da escravidão rumo à «Terra Prometida». Há deserto pelo meio, com toda a austeridade que ele implica. E não levam os Povos em Angola dezenas de anos de «deserto», na

penúria que ao longo deles têm sofrido? E aqui o «deserto» são os homens que o fazem com as suas ambições e desvarios. Que a «Terra Prometida» é a própria Angola! E caminhar no deserto para entrar na posse dela é vencer e ultrapassar as más paixões que envenenam o coração dos homens.

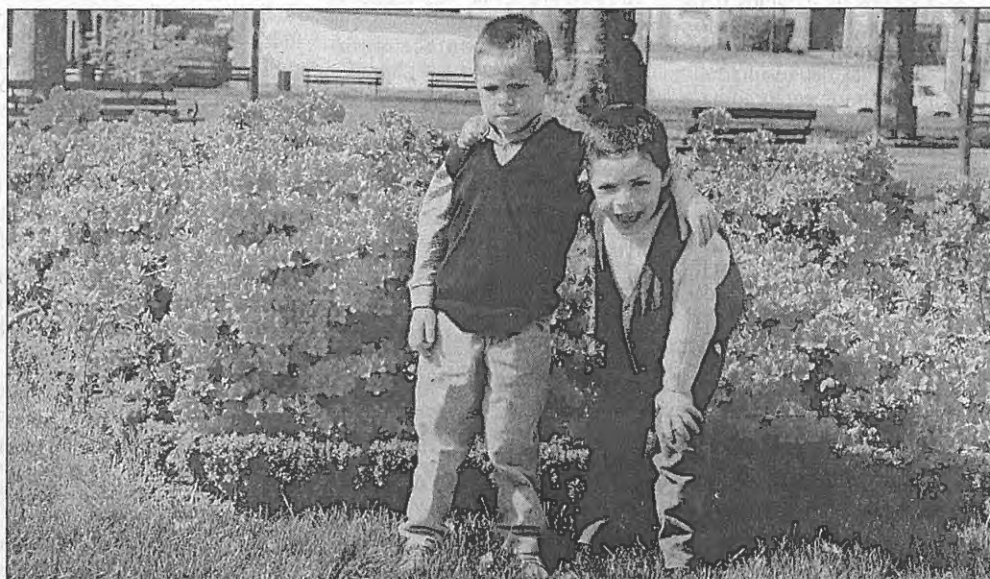
A unidade nova que é urgente alcançar, começa, pois, em diálogo sincero e «em respeito mútuo aos diversos povos e culturas que formam o projecto da Nação Angolana», por procurar «a criação do entendimento comum entre os Angolanos» que con-

duz à «profunda revisão do conceito de Nação e à definição consensual da visão para Angola e do rumo que o País deve tomar em direcção ao futuro».

Neste «Manifesto», tão sereno quanto lúcido, não se fala em «bons e maus», em «ordeiros e rebeldes». Diz-se somente que «a guerra continua a ser usada contra as populações angolanas», contra todo o Povo, seja qual for a sua etnia.

Quem poderá pôr em dúvida a autenticidade desta afirmação?!

Padre Carlos



O Lipi (Filipe) e o Pedro

SETÚBAL

Uma confidência

O João Paulo é um menino acostumado a viver semanas e meses na rua. Por lá!

Tem nove anos. É esperto e meigo. Não conhece ainda uma letra. Os primeiros dias de Escola têm sido um martírio. O rapaz não aguenta.

A sua reacção é natural. Veio de outro mundo e de outra civilização e cultura. Da rua!...

Nós é que nos enganamos. Pensar que os pequenos, assim, fazem parte da nossa cultura e nível civilizacional é um grande erro de perspectiva. Não lhes podemos chamar inadaptados. Nós é que não nos adaptamos a eles.

O trabalho nas Casas do Gaiato é exactamente este: Adaptarmo-nos a eles sem perder a esperança de os chamar ao nosso mundo.

Também acho que adaptarmo-nos somente a eles e fazer com eles uma vida

igual à sua é uma capitulação indesculpável.

Sabemos que não basta pregar a dignidade do homem, é necessário chamá-lo à dignidade. E uma criança com nove anos está bem a tempo de arripiar caminho. Mas não é como tantos julgam. Ser para eles

a sua família é fundamental. Habitua-los a viver em família — o que também lhes é ainda intuitivo — é o primeiro choque da nossa batalha.

Tem um olho direito de que vê perfeitamente e um outro de que não vê quase nada.

Usava uns óculos muito feios a que manifestava uma terrível aversão.

No meu íntimo, e para conquistar ao mesmo tempo vários valores, pensei em comprar-lhe uns óculos bonitos.

Levei-o ao médico. Graças a Deus não precisamos de nos meter nas fichas e esperar tempos para uma consulta. Vários oftalmologistas se nos oferecem e a gente marca consulta no seu gabinete particular onde não pagamos nada!... É a beleza

Continua na página 3

BENGUELA

Trabalhar pela paz

FAÇO eco das cenas mais lindas da nossa Casa do Gaiato. É a hora da colheita dos produtos do campo. Agora, é a colheita da batata. Todos os rapazes disponíveis foram mobilizados. Deixam, com satisfação, as suas tarefas normais e vão para o campo. A máquina fotográfica, pequenina, também lá está e dar-vos-á, na altura própria, a imagem real. Nesta Angola esfacelada pela guerra que não pára, a atravessar uma das fases mais sombrias da sua História, a Casa do Gaiato quer ser uma lâmpada no candela-bro para alumiar os que entram e acreditam no mesmo ideal pelo qual se bate com todas as forças. É preciso manter viva a chama da Fé e da Esperança do Resto do Povo angolano que se mantém de pé, na travessia dolorosa do deserto; suportando as injustiças já

Continua na página 3

Malanje

27/08/2000

TODOS os Domingos celebramos a Missa das nove horas, somente para os refugiados.

Vêm em grupos dos respectivos bairros: Quela, Calandula, Cangandala, Quirima, Luquembo e mais.

Cada Domingo, um grupo com o seu catequista orienta a Eucaristia. Hoje, foram os kiocos. Foi uma explosão! Ritmo, harmonia e bailado!

Não dancei. Falta-nos a coragem. David deu o «salto» para o meio da rua e dançou em frente da Arca... Bonito! Qualquer noite, alta noite — uns pés de dança diante do sacrário?!

Os cânticos kiocos têm uma tonalidade de rio que se levanta do leito e se eleva numa harmonia de formatos e tons!

Na nossa Europa, e maior parte das Igrejas, somos ruminantes diante do Senhor. Não bailamos nem cantamos com alegria.

Recordo, com admiração, um dia em que entrei na Igreja da Nazaré — marginal de Luanda — e à minha frente entrou uma mulher com uma trouxa na cabeça. Dirigiu-se ao altar de Nossa Senhora, estendeu em cima uns trapos queimados e começou com gritos e gestos a ralhar com Ela...

— Não viste que me ardeu a casa?
Só ficou isto. Não tenho nada! E agora? Aqui tens o que ficou.

E continuou ralhando...
Nossa Senhora ficou silenciosa, mas, tenho a certeza, ajudou a mulher.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

JUSTIÇA SOCIAL — Em tempos, fomos alertados para a situação dum Pobre, vítima de grave acidente. Nessa altura acentuámos que, infelizmente, somos um dos países da Europa com maior percentagem de sinistrados.

Da forma como o homem estava, e pelo comportamento da família..., decidimos não demorar a tratar dos seus benefícios na Segurança Social, para que não fosse mais um excluído — dos muitos que o País tem, de Norte a Sul.

Motivámos os parentes mais directos e pressionámos os deuses que têm. Foi uma acção que, felizmente, deu resultado!

Mais: pedimos então ajuda a uma assistente social que actua relativamente perto do seu domicílio. Senhora que procura fazer do seu trabalho uma verdadeira missão. Avançou logo com o processo destinado à pensão de reforma do beneficiário. Os Serviços competentes já deferiram a dita e os retroactivos.

Sossegámos pelo benefício do seguro social. Por o doente ter um tecto para viver e adequada alimentação. Por ter quem o trate, sendo *incontínente*...! Enfim, por ter o indispensável, graças a Deus.

RELATÓRIO — Revista espanhola, de natureza cristã, publicada recentemente, traz uma nota crítica sobre o *Relatório do Desenvolvimento Humano 2000*, que junta o *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)* e o *Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)*.

O articulista afirma que «é uma radiografia da Humanidade». E detecta um mal endémico — o da injustiça.

Os trabalhos do PNUD são dedicados ao *Progresso das Nações, à sida, etc.*

Ambos os documentos revelam que o mundo está ainda longe de assumir uma sociedade mais justa, mais humana; a miséria vítima seis milhões de habitantes, pese embora os compromissos firmados pela Comunidade Internacional, há cinco anos, na Cimeira de Copenhague.

Há 1.200 milhões de pessoas — mais 200 milhões do que em 1995 — que vivem com menos de um dólar (219\$00) por dia. Os 200 maiores multimilionários são detentores de uma riqueza superior a um bilião de dólares. Há 900 milhões de analfabetos, 10 milhões de refugiados de guerra. Por dia, morrem 30.000 crianças doentes, esfomeadas. Em cada minuto, seis jovens são infectados com o vírus HIV e há já 34,5 milhões de pessoas com sida!

Tudo isto acontece num mundo cada vez mais globalizado, liberalizado e pejado de guerras, injustiças, desigualdades sociais, carências culturais!

João Paulo II afirmou, que «a luta contra a pobreza é um desafio para a Humanidade do novo milénio. A alimentação, a assistência sanitária, a educação, o trabalho não representam só objectivos de desenvolvimento, são direitos fundamentais, infelizmente negados a milhões de seres humanos».

Há que denunciar as promessas, os compromissos da Comunidade Internacional para mitigar a miséria (a próxima meta será 2015) que, se não houver intenção política de os cumprir não servirão de nada.

A luta contra a Miséria é um fracasso. Por isso, é necessário convencer os poderosos de que o social precisa de vencer o económico; a globalização, um sistema integrador de partilha, não fautor de marginalidade; as exigências do mercado equilibradas com as da justiça para com os mais necessitados.

PARTILHA — Começamos pelos habituais: «Migalhinha de

Setembro e Outubro» pela mão «de uma portuense qualquer».

Dois mil, da «avó dos cinco netinhos» — Setúbal.

A «contribuição mensal da assinante 31104», de Lisboa, pedindo que lembremos ao Senhor a doença e um problema que ora lhe surgiu.

Um cheque, sete mil, dos nossos confrades de Gondomar.

Outro, da assinante 15430, de Baguim do Monte.

O assinante 20464, de Lisboa, solveu a conta da telha «para a casa de uma família numerosa e pobre», que referimos na edição de 29/7.

Senhora da Hora: Assinante 57002 com «o pequeno contributo de Julho e Agosto». Cumprimos as intenções.

Gondomar: Assinante 35784 manda uma «ajuda para se utilizar da maneira que acharem mais correcta».

Assinantes 47307 e 59610, de Leiria, «mais uma achegazinha para os Pobres».

Assinante 1121, de Vila Nova de Gaia, presente com dez mil, para serem aplicados «no que for mais necessário».

«Por uma intenção particular», idem, do assinante 9790.

Mais idem, do casal-assinante 69868, do Fundão, «para o que for mais preciso».

A assinante 50283, de Souto da Casa (Fundão), segue como anónima — como todos os que aí vão — e não lhe agradecemos via postal, como exige.

A sombra dum pensamento de Raoul Follereau, o assinante 67665, de Braga, envia um cheque «para expiação de meus muitos pecados», disse — ajudando os Pobres.

Um vale de correio da assinante 21963, de Faro; outro, da assinante 24205, de Carregado.

Leitora de Carregosa: «Um pequeno contributo mensal. Apliquem no que mais necessitem. E o Senhor vos ilumine e dê saúde para continuarem». Oh riqueza!

Assinante 5963, de Paço de Arcos, presente com «a partilha de Maio, Junho e Julho, saudações fraternas e muita amizade» — que retribuimos, do coração.

Fechamos a procissão referindo seis presenças que dão graças a Deus pela Ordenação do Padre Manuel Mendes: assinantes 32517, de Lisboa; 1410, do Porto; 13516, também do Porto; 55115, de Portela (Loures); 25507, do Porto; e uma leitora de Cavadas — Arouca.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, alc do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Já começou. Tem sido uma alegria para os rapazes, por apanharem uvas e poderem andar de tractor.

As uvas parecem estar melhor do que as do ano passado.

ESCOLA — Principiaram as aulas. Os rapazes ficaram contentíssimos. Vamos lá ver se as notas, este ano, saem positivas — e aqui fica um desejo de boa sorte.

CONTENTOR — Continuamos ainda a arranjar as coisas para o contentor que seguirá para Benguela, e terá muitas coisas para levar.

CAMPO — O milho está pronto para ser colhido, mas terá que aguardar mais umas semanas porque primeiro é a vindima.

O milho servirá para fazer silagem para o gado e as espigas para alimentarem as aves.

DESPORTO — Os treinos decorrem com toda a força na equipa dos júniores como, também, nos juvenis e infantis.

No ano passado correu bem e, agora, esperamos corra ainda melhor.

Nós vínhamos pedir, se possível, a oferta de equipamentos, chuteiras e outros materiais ligados ao futebol de onze.

Aqui fica o nosso contacto: *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa. Telefone 255-752285. Falar com o «Martelo» ou o Daniel.*

Também ficaríamos gratos se alguma equipa nos quisesse defrontar.

«Martelo»

SETÚBAL

VINDIMA — Aproveitámos um feriado — dia mais difícil para entreter a malta.

Vindimar é uma tarefa atraente, pois só se faz uma vez por ano e os rapazes comem as uvas que querem enquanto as cortam e carregam para a camioneta.

Como toda a gente, também nós tivemos menos uvas, mas eram muito doces. A vindima fez-se em meio dia.

SILAGEM — Cortamos forragem para o gado duas épocas por ano: No fim da Primavera e no princípio do Outono.

Na Primavera é a aveia com tremocilha e ervilhaca. Enchemos um silo que já vai a meio.

Agora, é o milho. Por dia cortamos em média quatro reboques, pois os tractoristas têm sempre mais que fazer: dar comida ao gado, mudar as máquinas de rega, etc.

A silagem é sempre um trabalho duro, mas a malta gosta de ficar lá porque há um certo à vontade: banho na piscina já de noite, jantar fora de horas num convívio mais particular e outras coisas que é melhor calar.

JARDIM — O nosso jardim grande está a ser melhorado com uma passadeira em calçada preta e branca e com flores muito lindas feitas de pedra. O jardim para estar bonito dá muito trabalho: regar, cortar a relva, podar, mondar, são acções que não

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro, 64.700 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

Henrique



Sou o Henrique Luís Pereira Silva. Nasci no dia 27 de Dezembro de 1990 no Ladoeiro (Idanha a Nova).

Estou aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, porque a minha mãe foi viver com outro homem... e a minha avó não me podia ter em casa... porque é pobre.

Às vezes, eu e os meus irmãos íamos sujos, sem comer, para a Escola.

Ando no terceiro ano do Ensino Básico. E o Márcio, meu irmão, está no primeiro ano.

Nós brincamos, à tarde; e entretemo-nos a fazer algum serviço na lenha.

Gostaria de ser guarda-redes do Sporting Clube de Portugal. Ou ser mineiro.

Henrique Luís

podem ser adiadas, senão o jardim perde a graça toda.

Todos os rapazes gostam do jardim, mas não abundam os que se delectam a cultivá-lo. O jardim é belo, sobretudo para os que o fazem.

ANO ESCOLAR — Começou o novo ano escolar, mas nem todos têm professores e aulas. É mau começar assim. A malta perde a pedalada e começa a esquecer as lições boas ou más do ano passado — que não foi nada bom.

UNIVERSIDADE — Há muitos anos que não temos ninguém na Universidade. Os rapazes fazem o décimo segundo e ficam por aí com a fatura de empregos e a ilusão de trazerem os bolsos quentes com dinheiro.

O Hélder vai este ano para a Universidade. Gostava de ser médico ou enfermeiro, mas teve de ir para Engenharia do Ambiente. É uma pena esta organização e programação escolar: as pessoas não podem estudar para o que sentem inclinação.

Repórter zero

Antigos Gaiatos de Malanje

O NOSSO ENCONTRO — Foi a 8 de Setembro, no Lar de Coimbra, terra onde nasceu a Obra da Rua.

Pensar que Pai Américo calcorreou aquelas ruas, hoje bem iluminadas, a procurar rapazes necessitados de amor, de pão, e onde o lampião ainda mandava na iluminação dos cubículos dos Pobres. Padre Horácio seguiu os seus passos e, hoje, caminham juntos na Casa que o Senhor lhes ofereceu em recompensa da sua passagem neste mundo.

Na infância tivemos medo que a nossa mãe nos deixasse ou morresse; tivemos raivas e

A droga

Quem escreve esta simples nota é o Paulinho que está preso, há três anos e meio, em Custóias e, agora, em Santa Cruz do Bispo; primeiro, com problemas de droga e depois de hemodiálise — três vezes por semana. Quatro horas por dia. Uma desgraça nunca vem só!

Lembrei-me de escrever para alertar n'O GAIATO todos os pupilos das Casas para o gravíssimo problema da droga, de que felizmente me livrei, e que não nos traz nada de novo. Só problemas, como por exemplo: os roubos e assaltos que pessoas normais nunca fariam e que os leva, mais tarde ou mais cedo, aos Tribunais e às Cadeias! E lá se vai a juventude pois, preso não se chega a lado nenhum.

Não se aprende nada nas Cadeias; criam-se novos vícios e alguns que se mantêm pela vida fora, o que é ainda mais lamentável. Compra-se de tudo — o que é nosso e o que é dos outros; vende-se também tudo ao desbarato e, por vezes, peças de vestuário e calçado que a família nos traz e desaparecem de imediato, a troco de dinheiro fácil...

Encontram-se também boas pessoas, que por um azar qualquer da vida caíram nas malhas da Justiça e esta não perdoa a ninguém. São raras e, por vezes, quando se lembram de dar bons conselhos ainda são gozadas!

Portanto, caros irmãos, têm de ter muita coragem e cuidado; procurem cumprir os vossos deveres indo à Escola, procurando aprender uma profissão que mais tarde vos permita viver decentemente.

Para todos, saudações gaiatas!...

Paulinho

Benguela

Continuação da página 1

estruturadas; reagindo, de cabeça erguida, contra ideias feitas que não levam à paz tão desejada.

Estamos, à nossa medida, a trabalhar pela paz. Também fazemos parte do Povo peregrino no deserto, sujeito à insegurança do caminho; confiando, porém, nas mãos dos que vão conosco. Somos povo a caminhar com o Povo. Damos a mão aos filhos da rua; ajudamos os outros a crescer: velho, feliz, dum grupo de jovens adolescentes que andam a aprender costura, nos tempos livres da Escola. Se tiver mais agulhas e mais pano, o grupo vai crescer. Julgo que estamos no caminho certo, neste campo; doutro modo, o mundo

degradado toma conta dessas meninas e os filhos da rua aumentam. É missão dum Irmã a trabalhar conosco. Angola é um País excessivamente jovem. A guerra tem dizimado os mais frágeis: os velhos; as crianças, também. Estas, porém, por força da multiplicação desordenada, morrem e nascem mais. Daí, um cuidado prioritário com este nível etário, já que nele está o futuro da Nação. O grande investimento da Casa do Gaiato vai nessa direcção. A nossa segurança é a segurança do Povo. Um pormenor: Na noite do meu regresso a Benguela fui surpreendido por um tiroteio de armas automáticas, como há muito não havia sentido, nesta zona. Eram os preparativos para o roubo das

nossas vacas leiteiras. Lá se foram trinta cabeças, que as restantes voltaram ao curral, horas depois. Ficámos com a semente para mais uma tentativa. Para além duma ténue iniciativa, da parte das forças de segurança, para a recuperação do gado, nada foi feito. Não queremos que o mal vença. Queremos erguer o coração; e, de olhos postos no futuro, continuamos a caminhar. Alguns dias depois, um telefonema amigo de Luanda, com palavras de comunhão conosco, anunciava a chegada, para breve, do material informático para a instalação de um centro de formação em nossa Casa. Na hora em que vos escrevo, já estão montados quatro computadores. O primeiro curso começará, dentro de dias. Esta oferta de tão alto valor vai ser um instrumento de elevação humana e de estímulo a um melhor aproveitamento quer



Parte da quinta da Casa do Gaiato de Benguela

escolar quer profissional dos nossos rapazes. Louvado seja Deus! Obrigado!

Padre Manuel António

Continuação da página 1

6/09/2000

Malanje

KAHLIL GIBRAN, num dos seus livros, brinda-nos com estas duas máximas:

«Tende piedade da nação que se enche de crenças e se despoja da religião.»

«Tende piedade da nação que se veste de panos que não tece, que se alimenta de um pão que não produz, e que bebe um vinho que não jorra da sua própria adega.»

Verdade, pois, sendo assim, a ferrujem está minando todos os pegões das estruturas e as águas salgadas todos os alicerces desta nossa Nação.

Conheço uma aldeia — pequeno mundo — com 400 habitantes e doze crenças...

Uma destas mete álcool e bailado; outra alimenta-se de pretensos milagres; algumas, em vez de amor, geram ódio e intolerância; e, todas elas, enfraquecem o bom relacionamento humano.

Que diremos da veste, do pão e do vinho? Barcos de contentores...: Vende o importador, vende o armazém, vende o «Roque», vendem as quitandeiras e a multidão de jovens.

Lucros fantasmas! — pois o valor real ficou nos países de origem.

Um povo inteiro de volta do pão que

vem de fora, em vez de, com alma e brio, o arrancarmos do nosso chão.

Chão fértil e pronto que nos encheria de fartura e bens... Mas, por nossa culpa, ao abandono.

Os grandes tiram os diamantes dos rios...

As armas sugam o petróleo dos poços...

O velhinho que mora ao nosso lado veio, hoje, encostado a um pau pedir-nos um cobertor pois estava a passar muito frio.

Padre Telmo

tava conosco, trazendo a Comissão dos antigos gaiatos da zona Centro como convidados e nós fomos até à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo ao baptizado de mais um neto da Obra da Rua, almoçando no respectivo refeitório com os rapazes. Que rico churrasco, acompanhado com uma canja deliciosa, confeccionados pelos rapazes! O nosso muito obrigado pelo carinho e pela oferta das refeições.

O Lar de Coimbra foi pequeno para tanta gente que chegou durante todo o sábado: irmãos, filhos e netos!

O Fernando Dias, com problemas de saúde, chegou cedo com a família para nos acompanhar, apenas, no primeiro dia. Quando partiu, disse que gostaria de ficar até ao fim.

O próximo Encontro está previsto para 3 e 4 de Setembro do próximo ano, em Sintra. Vamos confirmar com o Padre Manuel Cristóvão, mas, com certeza, irá dizer sim. Tavares e Falcão são os organizadores.

Manuel Fernandes



Fio d'água em Malanje

que já sentiram na pele a dor de famílias destroçadas e são eles que, hoje, querem partilhar um pouco do que possuem, a confortar aqueles que neste momento se sentem desamparados. Tem sido gratificante o nosso trabalho, como casal. Conseguimos concluir o nosso trabalho, apoio aos nossos filhos e ainda disponibilidade para darmos um pouco de carinho aos mais carenciados. Temos aprendido muito com estas famílias. Só temos pena de sermos poucos, mas esperamos que, um dia, outros casais gaiatos se venham juntar a nós. Há muitas famílias carenciadas que precisam de ajuda. Não é tarefa fácil. Temos que ser per-

severantes. Há de tudo um pouco na nossa sociedade. Temos que ser muito unidos para conseguirmos ultrapassar as contrariedades que surgem, mas a nossa fé é muito forte e temos a certeza que vamos conseguir ultrapassar as barreiras que surjam no dia-a-dia.

Uma das famílias que visitamos é um casal relativamente novo, já com dois filhos crescidos e, neste momento, a esposa está grávida de gémeos. É uma família muito humilde, já viveram durante muitos anos num barraco, e, neste momento, a Câmara arranjou-lhes uma casa. A preocupação são os bebés que vêm aí — o que não

estava programado — mas estão confiantes que o mais importante é que sejam perfeitos e saudáveis. Ele é muito doente e não tem emprego fixo, devido à sua doença. Por isso, tem uma banca na rua onde plastifica documentos e vende algumas bugangas. A esposa faz limpezas, mas agora com o nascimento dos gémeos a situação irá piorar um pouco. Com o nosso apoio não vamos permitir que nada falte a estas crianças. Neste momento estamos a tentar arranjar roupas de bebé e artigos indispensáveis. Contamos com a vossa ajuda.

Outra família que visitamos, também vive em péssimas con-

dições. Contam que lhes seja entregue uma casa, brevemente. Esperamos que, desta vez, as promessas não faltem.

Queremos agradecer o apoio que nos têm dado. As vossas palavras de carinho são uma vitamina muito forte em nossa caminhada.

Contamos com a vossa ajuda e que Deus vos abençoe a todos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Conferência de S. Cosme, Gondomar, cheque de 7.000\$00. Fiães, cheque e palavras de carinho. Assinante 35447, cheque com um grande abraço para o

Júlio Mendes pela Ordenação de seu filho. Assinante 9708, cheque de 4.000\$00. J.R.D. donativo de 2.000\$00. Amiga, do Amial, 5.000\$00. Amigo, de Lourosa, o seu donativo e rápidas melhoras para sua esposa. De Braga 2.000\$00. Maria Malheiro: recebemos o donativo. Rio de Mouro, um cheque. Sérgio Belo, um cheque. Assinante 14493, um cheque. Maria Augusta, um cheque.

A todos o nosso bem haja.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Setúbal

Continuação da página 1

da nossa vida!... E a economia prestada aos Serviços Públicos de Saúde que não se sobrecarregam conosco. Até o Estado ganha e... de que maneira!...

A médica, neta de uma grande Amiga da nossa Casa, observou-o com todo o esmero e competência.

Na loja dos óculos, com a receita na mão, disse alto à senhora que nos atendia:

— Eu quero os óculos mais lindos que aí tiver para este menino que é o mais lindo do mundo.

Muito contente ficou o João Pauló. O piropo sobressaltou-o de tal maneira que me olhou com uma meiguice esplendorosa. O elogio foi bom para os dois. Para ele e para mim.

À vontade, lá escolheu os óculos que lhe ficavam bem e não foi por aqueles que nos pareciam melhor, mas sim pelos que lhe caíam no gotto.

Amanhã à tarde os ditos estarão prontos, mas ele já me veio dizer duas vezes:

— Só faltam dois dias para ir buscar os meus óculos!

Quanto prazer me não dá esta confiança! A família faz-se assim: Com muito carinho e muita firmeza, sem cedências.

Para conquistar e segurar estes miúdos não há regras. Há a intuição. As regras por mais bem pensadas que sejam, podem sempre falhar. A intuição é sempre actual.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Muito tenho que sofrer para poder chorar com os que choram!

PAI AMÉRICO

Homenagem dos gaiatos ao Padre Horácio

A Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Centro, em conjunto com a Casa-Mãe de Miranda do Corvo, prestou homenagem ao Padre Horácio que, caso fosse vivo, celebraria os seus cinquenta anos de Presbítero ao serviço da Obra da Rua onde entrou a 3 de Setembro de 1950.

O Encontro, talvez o maior que se realizou desde a fundação da Associação, teve a presença de largas dezenas de antigos gaiatos e familiares, vindos das mais diversas partes do País, mais alguns amigos, e a presença dos dois Prelados da Diocese, D. João Alves e D. Albino Cleto, acompanhados do Cônego André Freire, e do Padre Francisco Antunes — irmão do primeiro colaborador do Padre Américo, o Padre Adriano Antunes — e pregador dos Retiros que os gaiatos fazem. Teve também a presença do responsável da Casa de Miranda, Padre João. E o Padre Carlos, actual Director da Obra da Rua. Além dos familiares do Padre Horácio. Todos demonstraram o quanto era estimado.

Este Encontro começou com a Eucaristia, concelebrada pelos dois Prelados e pelos referidos Padres.

Na altura da homilia, D. João falou no ideal que sempre norteou Padre Horácio, o amor aos Rapazes e aos Pobres, lembrando inclusivé os castigos que muitas vezes era preciso serem aplicados e alguns eram duros, mas que até na aplicação destes, demonstrava o amor que nutria pelos seus Rapazes, e muitas vezes sofria por ter de os aplicar.

D. Albino, que também usou da palavra, lembrou o muito do que este Padre teve de influência no seu caminho

presbiteral, onde no seu tempo de seminarista foi por Padre Horácio convidado a colaborar nas antigas Colónias de Férias da Senhora da Piedade de Tábuas e aí bebeu dos seus primeiros ensinamentos a ter um conhecimento mais profundo da Casa do Gaiato.

A Eucaristia foi bonita, a que o grupo coral, formado pelos actuais rapazes, abrilhantou, terminando com um agradecimento a Padre Horácio pela voz da Nanda, esposa do José Martins, e um excerto de um dos últimos escritos de Padre Horácio sobre África, dito pela voz da Maria Helena.

Por fim, seguiu-se, no pequeno jardim junto ao refeitório e da cozinha, um local predilecto de Padre Horácio e preparado para o efeito, o descerramento dum bonito medalhão com a sua efigie incrustada numa pedra que serviu velhas alminhas que existiam na Rua das Oliveiras, um dos locais mais carismáticos da quinta de Miranda; obra bonita de quem idealizou e executou — amigos da Obra. Junto deste, usaram da palavra Padre João, um actual gaiato, José Martins e Manuel Machado, este presidente da Direcção e o primeiro dos órgãos sociais da Associação; e, por fim, D. João descerrou a colcha que encobria o pequeno monumento com uma placa no chão e os dizeres: «Ao Padre Horácio, gratidão dos gaiatos — 1924-2000».

Houve ainda uma exposição de fotografias de casamentos e encontros de antigos gaiatos, onde ele os celebrava, e marcava presença noutros, como também manuscritos e artigos seus e de outros, publicados em diversos jornais.

Seguiu-se o almoço, oferta da Casa, confeccionado pelas esposas de antigos pupilos da Obra da Rua e por pessoas amigas.

Por fim, ao cair da tarde, foi servida uma merenda levada pelos responsáveis da homenagem.

João Hingá



Num local predilecto, foi descerrado o medalhão com a efigie de Padre Horácio incrustada na pedra que servira velhas alminhas.

DOCTRINA

O GAIATO
vai sair
dentro de poucos dias...



(...) NÃO era para contar a ninguém. Mas como foi por mim anunciado antecipadamente, eu confirmo e digo que O GAIATO vai sair dentro de poucos dias, quinzenalmente. É para fazer doutrina, criar interesse e dar que fazer à comunidade infantil. Vende-se na rua aos Domingos de tarde e expede-se para os assinantes, cujos nomes e moradas ficam à conta do teu zelo. O Padre Flanagan, de Omaha, Nebraska, vive quase somente do *Boys Town Times* que meio mundo assina, para ler. Nós não somos, felizmente, do País dos dólares; mas a alma dos portugueses, com escudos, pode ir muito longe e construir dentro de Portugal, com portugueses, uma Nação melhor.

PARA fechar a crónica desta semana, vai o seguinte episódio: Recordas de como eu apanhei do chão o pequenino às portas da igreja dos Congregados e do mais que então disse? Pois bem. Segui dali, para a Capital, com ele atravessado no coração. Não podia faltar aos meus compromissos.

SUCEDE, porém, que um destes dias foi o Manuel Durães buscar alguns pequeninos à Casa dos Pobres. Chegou à noite, a Paço de Sousa, com seis deles. Estávamos todos à mesa, no amplo refeitório que foi dos frades. Há dois focos de luz. Os pequenos entram em sua casa e são aclamados pelos antigos companheiros do Albergue. De entre os recém-chegados, um faz pausa, estende o indicador, aponta a mesa onde eu me sentava e grita: — Olha, aquele senhor deu-me de comer! Abraçámo-nos e chorámos de alegria! Hoje, na Comunidade, tivemos ao jantar um prato de grão com ovos cozidos. Metade dos catraios nunca tinha provado tal manjar em sua vida; e este era um deles.

D. Amín. S.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Situações de penúria

MUITAS das situações de penúria de famílias pobres vêm à luz pela mão de mulheres; mães de famílias que encontram forças para continuar a lutar contra as adversidades que a vida lhes traz. Esta força vem-lhes quase sempre de verem seus filhos em estado de fraqueza no presente e sem perspectivas de futuro!

Agora, foi outra mãe. Falou-me que recebia o Rendimento Mínimo Garantido. Pensei que talvez

não houvesse muitas razões para lhe acudir. Deixei passar alguns dias.

Fomos, por fim. A casa era uma de três, em bloco único de rés-do-chão, à maneira de ilha. À entrada, pequena sala de chão de tábuas, bem encerado. Três passos dados e tínhamos à esquerda e à direita dois minúsculos quartos; aqui, o chão muito esburcado, bem como os forros do tecto eram livre trânsito para o ar e a chuva que não pedem licença para entrar. As janelas, de

velhas, não podiam ser abertas. Uma pequena cozinha ao lado, com entrada independente, completava as dependências da casa.

A carta que o pároco nos enviara, confirmava a situação: «O ambiente onde moram é extremamente pobre e desprovido do indispensável». Por tudo isto não nos admiramos que o alcoolismo e certas doenças carreguem as vidas de tantos irmãos em condições semelhantes.

Juntámo-nos à porta da casa com a mãe e seus dois

filhos. Logo, ali, se resolveu o que fazer. A mão-de-obra para rebocar as paredes, de novo, e colocar a tijoleira no chão, ficava a cargo de irmãos e cunhados. Uma pequena dependência contígua ser-lhes-ia dispensada e ligada à casa, e aí nasceria a casa-de-banho. Forros de tecto e um pequeno arranjo no telhado completavam os planos de obras. Para os materiais, prometemos ajuda contando com o teu acordo e a prova do mesmo.

Voltamos uma semana depois. Ela, coberta de pó de picar as paredes, veio mostrar aquilo que da entrada da casa já se via; e as mãos doridas do trabalho penoso para quem não tem hábitos do uso de tais ferramentas. Ele, deitado cá fora, sofrendo os azares do que lhe tolhe a vida. Alguém mais, lá dentro, vai cobrindo as paredes com massa nova, para que com este fermento se lhes leve a vida.

Vai ficar pronta num instante. A alegria de viver já recomeça a despontar. Quanta força nasce na alma de uma mãe! Não é o lucro nem o prazer que despoleta tal energia: são os olhos dos filhos que abrem, no coração dela, feridas de amor!



No meio rural ainda há muitas casa assim.

Padre Júlio